

Governo adia para depois da Páscoa anúncio do secretário de Ciência

Da Sucursal de Brasília
e da Reportagem Local

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, disse ontem em Brasília que o nome do secretário especial de Ciência e Tecnologia será anunciado pelo presidente José Sarney "só depois da Semana Santa". Na semana passada, o ministro tinha prometido para 17 de março —sexta-feira última— a divulgação do nome escolhido.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência tinha marcado para hoje a divulgação de um documento sobre a demora na indicação do secretário de Ciência e Tecnologia e com linhas mestras do que a SBPC considera adequado para o setor. Mas a presidenta da entidade, Carolina Bori, pediu o texto para fazê-lo "bastante resumido" e a divulgação acabou atrasando. Ela deve liberar o documento ("SBPC, Ciência e Tecnologia") hoje de manhã.

O texto será enviado por telex para o presidente José Sarney e "outras autoridades ligas à área de ciência e tecnologia", segundo Marco Antonio Bruno, diretor-executivo da SBPC. De acordo com Carolina Bori, a sociedade defende no documento que a Secretaria de Ciência e Tecnologia seja ocupada por alguém "com bom trânsito entre os cientistas, que coloque rapidamente em funcionamento o sistema de ciência e tecnologia, porque está tudo parado".

Reunido ontem em São Paulo, o Conselho da SBPC indicou Carolina Bori e o físico Ennio Candotti (atual vice-presidente) como candidatos para a presidência na gestão 1989-1991. Agora, os cerca de 10 mil sócios têm até 20 de abril para em grupos de no mínimo cem pessoas apontar outros candidatos.

"Ainda estou pensando", disse Carolina Bori sobre a possibilidade de se manter presidenta. Segundo ela, a decisão do conselho "não pode ser recebida sem grande consideração". Todos os sócios com pagamento em dia —cerca de 10 mil, segundo Bruno— podem votar na eleição, em cédulas que a comissão eleitoral vai enviar pelo correio, depois de conhecidos todos os candidatos.



Wilson Beraldo, presidente-emérito da SBPC, e Carolina Bori, durante reunião ontem no Lorena Suite Service, em SP

Para MEC, cientistas são privilegiados

Da Sucursal de Brasília

O novo secretário de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC), Edson Machado de Sousa, acredita que os pesquisadores das universidades federais estão em uma "situação privilegiada". Machado de Sousa pretende "provocar" a recém-criada Secretaria Especial de Ciência e Tecnologia (SECT) para tirar da gaveta um projeto que, segundo ele, poderá reverter essa situação que leva a "uma distribuição irracional dos recursos públicos para o setor".

Hoje, afirma o secretário, "os grupos de pesquisa têm os salários e um mínimo de sobrevivência garantidos pelo orçamento da universidade e sobre isso conseguem recursos adicionais das agências de fomento", como a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Enquanto isso, "o restante da universidade fica sufocado por falta de

verbas".

Machado de Sousa, que assumiu a Secretaria da Educação Superior (Sesu) na última segunda-feira, defende a criação de "laboratórios associados". Segundo ele, esse projeto foi apresentado pelo Conselho Deliberativo do CNPq ao extinto Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) na gestão de Renato Archer e não teve andamento. A idéia era associar um responsável pelas universidades federais e o MCT (hoje SECT), com suas agências, na sustentação dos grupos de pesquisa.

As agências deixariam de apoiar isoladamente esse ou aquele grupo de pesquisa e o Ministério da Educação passaria a opinar sobre os recursos transferidos por elas para os pesquisadores alojados nas universidades.

Para o secretário, a associação traria vantagens financeiras e políticas. "O grupo de pesquisa não vai mais receber dinheiro de várias fontes para a mesma coisa", diz ele. "Hoje, por exemplo, a Finep acaba

arcando com despesas de rotina, que caberia à universidade custear". Machado de Sousa admite que "pode até existir" o risco de a pesquisa perder parte dos recursos, "mas a intenção é a racionalidade".

A virtude política dos "laboratórios associados", segundo ele, é integrar os cientistas, "hoje omissos", à defesa das universidades federais. Ele afirma que os grupos de pesquisa, "nata da universidade", dependem fundamentalmente das agências de fomento e por isso "adotam uma atitude corporativista", mobilizando seu "lobby poderoso" em defesa dos orçamentos desses órgãos. "A comunidade que representa o cérebro da universidade não luta pela universidade, mas pela própria situação dos pesquisadores", sustenta o secretário.

Segundo o novo secretário, a idéia dos "laboratórios associados" foi uma resposta do CNPq à proposta, defendida por "um grupo de cientistas", de que se tirasse definitivamente a pesquisa das universidades.